



e-cadernos CES

03 | 2009

O imaginário europeu a partir da controvérsia dos
"cartoons"

Intervenção 2

Adel Sidarus



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1188>

DOI: 10.4000/eces.1188

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Adel Sidarus, « Intervenção 2 », *e-cadernos CES* [Online], 03 | 2009, posto online no dia 01 março 2009, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1188>



ADEL SIDARUS

É um prazer estar aqui e agradecer ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra o convite que me foi dirigido. Gostaria de felicitar-vos por esta iniciativa que, no entanto, vem já um pouco tarde no nosso país. A questão já deveria ter sido colocada e debatida pela academia há mais tempo e não apenas agora, quando o auge da crise já passou. Mesmo assim, às vezes o distanciamento no tempo permite uma abordagem mais fria e serena, levando a aprofundar as questões longe da balbúrdia dos amadores e dos aprendizes feiticeiros.

A Professora Maria Irene Ramalho disse muitas das coisas que eu queria dizer, de modo que não as vou repetir. Vou apenas frisar alguns pontos essenciais sobre o que foi a crise dos *cartoons* do ponto de vista europeu – que ela aqui desenvolveu bastante bem – e tentar explicar a reacção islâmica como tal. Um parêntese para que não haja mal-entendidos: embora eu seja egípcio e árabe, sou cristão copta e não muçulmano.

Globalmente falando, não considero o episódio dos *cartoons* como um choque religioso. No máximo, um choque cultural – e cultura, aqui, no sentido dos comportamentos e valores, influenciados ou não pela religião. Mas ainda antes de ser um choque cultural, foi uma provocação política.

Em primeiro lugar, nunca se viu a publicação de um conjunto de caricaturas de um determinado jornal ser repetida, vários meses depois, em quase toda a Europa. Além disso, tratou-se mais do que um simples exercício do direito à liberdade de expressão. A posição, na verdade, foi esta: “Nós somos livres de nos exprimir como entendermos e vocês muçulmanos não querem admitir esta liberdade”. É mesmo uma provocação. Quando lemos o que vem no próprio *Jyllands-Posten*, parece-me que é mesmo para desafiar os muçulmanos a aceitarem as regras mais ou menos adoptadas na Europa presentemente: exprimir-se a torto e a direito, sem olhar a meios nem pensar no(s) visado(s) e nas consequências. Porém, como se disse há pouco, até a própria lei dinamarquesa põe limites a esse tipo de liberdade de

expressão: não pode ser ofensiva em relação a grupos sociais, lesiva da dignidade dos Outros.

O episódio hoje em apreço, o próprio fenómeno global de hostilidade em relação a certos grupos sociais, nomeadamente os imigrantes e os muçulmanos em particular, tem a sua dinâmica própria. A xenofobia a nível europeu deve-se muito a uma situação interna de insegurança, tanto ao nível social e económico, como na repercussão local do confronto global a nível internacional, no qual os muçulmanos são parte integrante e até activa – mas, se calhar, também a parte mais agredida. Na minha apreciação, este seria o primeiro ponto: não se tratava tanto de uma liberdade de expressão que os muçulmanos recusariam, mas, verdadeiramente, de uma provocação oriunda de um contexto social europeu próprio, sobre o qual, se o tempo me permitir, irei explorar alguns aspectos.

E do lado muçulmano, o que é que aconteceu? A comunidade dinamarquesa muçulmana só avançou para a internacionalização da sua queixa quando experimentou, ao nível interno dinamarquês, um muro de recusa em relação à sua legítima reclamação ou queixa. E isto tanto por parte do diário em causa – que, como se mencionou muito bem, recusara, uns meses antes, a publicação de caricaturas ou de artigos que punham em causa o Cristianismo – como por parte do primeiro-ministro dinamarquês – que se recusou a receber os embaixadores árabes e islâmicos que queriam protestar –, posição essa que, lamentavelmente, teria recebido posteriormente o apoio da própria Comissão Europeia.

Foi isto que fez com que a comunidade islâmica local tenha levado o assunto à consideração da comunidade muçulmana em geral. Mas, no meu entender, de uma maneira muito equilibrada. O dossier que apresentaram, e que infelizmente não é conhecido nas línguas europeias (porquê será?), é verdadeiramente equilibrado. Vê-se nele, entre outras coisas, o que se tem dito por vários comentadores qualificados: o grande escândalo não é tanto o facto de se ter representado o Profeta em si, mas a agressividade das representações. O ponto da “representação” nem sequer vem referido no dossier. Como alguns dos intervenientes irão explicar, houve representações do Profeta no quadro do próprio islamismo, mas houve também uma corrente, na senda do iconoclasmo vigente nos séculos VII-VIII, que proibia a representação do profeta Maomé – e de qualquer profeta, aliás. Mas o dossier não se refere a esse ponto. Foi a agressividade com que se representava o Profeta, enquanto símbolo dos muçulmanos no mundo, que os feriu. Uma agressividade que não se exprimiu apenas ao nível da sátira política, mas também ao da pornografia (um dos sinais do mal-estar europeu?) – e não só no quadro das publicações feitas

no jornal, mas também em vários *blogs* e *sites* e noutros jornais que então reproduziram os *cartoons*.

Agora, quais são os elementos da crítica dessa comunidade islâmica? Primeiramente, sentiam uma discriminação dos imigrantes islâmicos na Dinamarca no que toca aos direitos civis e até judiciais. Lembro que foi rejeitada a queixa judicial proposta por um grupo de muçulmanos como sendo improcedente. Ou seja: o problema de sempre, evidenciado noutras esferas, nomeadamente na esfera política, o de haver dois pesos e duas medidas no foro da justiça como na apreciação dos actos repreensíveis a nível internacional e consequentes sanções/reacções (Israel vs. Iraque: anexações e resoluções da ONU; Israel vs. Irão: o nuclear, etc.). Existe na própria lei dinamarquesa uma proibição de crítica ao Judaísmo tal como se exprimiria, por exemplo, contra as violências e atropelos do Estado israelita e o seu regime de *apartheid* efectivo, ou em casos de questionamento de certas teses sobre o Holocausto. Mas eis que, quando se trata de atacar o muçulmano, tudo é permitido, em nome do direito à livre expressão.

Mas que liberdade de expressão é essa? De uma maneira geral, na sociedade em causa, há falta de respeito, de sentimentos religiosos e de dignidade humana em relação ao Outro. E junta-se a isto uma certa dissolução dos valores europeus, uma secularização extrema levando ao relativismo absoluto, ao niilismo e ao ataque às formas e expressões religiosas. Este é o elenco da crítica que os muçulmanos dinamarqueses fizeram no dossier referido.

Agora, como explicar a reacção violenta nos países muçulmanos? É claro que o grupo dinamarquês foi apresentar a situação em vários países árabes para criar a solidariedade da *Umma*, do conjunto dos muçulmanos, cuja presença é transversal aos vários continentes, mais de um bilião de seres humanos. E sabemos quantas humilhações esta comunidade de muçulmanos tem sofrido nas últimas décadas, para não dizer nos últimos séculos, pelo menos nos dois últimos, começando com o colonialismo clássico. Humilhações sobre humilhações: ocupação de territórios islâmicos, marginalização internacional ao nível cultural e político – apesar de o Islão ser universal e transversal em todos os continentes e ter um passado brilhante. Depois, sente-se, a nível interno, o atraso tecnológico e a estagnação económica e social.

Mas houve também outros tipos de razões para os actos de violência – para todo o efeito, condenáveis. A nível interno de cada país, as reacções exaltadas e violentas actuaram como “escape” social ou político, uma explosão de descontentamento perante os impasses internos que existem de facto: miséria, falta de trabalho e de perspectiva de futuro (quase 50% dos jovens estão desempregados

e não vêem futuro na sua terra), falta de liberdades políticas, culturais e intelectuais, frustrações em relação à classe política: corrupta, parasita, incompetente, alienada para o lado dos seus mentores ocidentais, sentidos como verdadeiros exploradores dos povos e suas riquezas. Vejam as recentes vitórias eleitorais dos partidos ou movimentos radicais em vários países do Médio Oriente: Egípto, Jordânia, Palestina, Irão. Por sua parte, alguns desses governantes podem ter tolerado – senão manipulado – os acontecimentos, a fúria popular, para desviar as atenções sobre a situação interna. Mas também terão querido, perante as pressões ocidentais para mais democracia interna, mostrar os efeitos nocivos duma eventual expressão livre dos sentimentos profundos das suas populações.

Tudo isto deve ser tomado em consideração. E deixar de gritar estupidamente: “Essa violência islâmica é uma ameaça internacional”. Não! Temos um caso pontual que precisa da nossa compreensão (nós, os agressores reais), duma análise fria, e solidária, de um empenho conseqüente em circunscrever os seus efeitos explosivos e evitar a sua repetição. E não me vou prolongar para deixar outras pessoas intervirem. Vamos ter a ocasião de falar numa segunda ronda e eventualmente de responder às vossas dúvidas e questões.